

O MUSEU DA PESSOA, A MEMÓRIA DO CIDADÃO*

*Debora Cristine Rocha***

Resumo

Esta é uma reflexão sobre as relações entre a cultura digital, a cultura radiofônica e a tradição oral, tomando-se como objeto de pesquisa aplicada o programa de rádio *Museu da Pessoa, a Memória do Cidadão*, gerado a partir do portal *Museu da Pessoa* na Internet.

Palavras-chave

Museu Virtual - Rádio - Memória da Cultura

Abstract

This is a reflexion regarding the relations among the digital culture, radiophonic culture and the oral tradition, taking as an object of applied research the radio show *Museu da Pessoa, a Memória do Cidadão* (*Person Museum, the citizen memory*), initiated through the portal *Museu da Pessoa* (*Person Museum*) in the Internet.

Key Words

Virtual Museum - Radio - Memory of the Culture

Um museu virtual cujo acervo se compõe por relatos, histórias de vida de pessoas comuns, anônimos com os quais nos deparamos todos os dias, anônimos entre os quais também nos colocamos. Esse é o Museu da Pessoa, um portal que abriga depoimentos escritos e falados, fotos, áudios e vídeos captados por alguns entrevistadores do próprio museu ou, em grande parte, enviados pelos internautas que por ele navegam diariamente¹.

Mas, além das relações entre a cultura digital e a tradição oral presentes no portal do Museu e que já foram abordadas em trabalho anterior - *O Museu da Pessoa, a tradição oral como acervo digital*² -, na trajetória do Museu da Pessoa, ocorre outro fenômeno digno de nota: estruturas de linguagem da mídia digital migram para o rádio e nasce o programa *Museu da Pessoa, a Memória do Cidadão*³. Ou seja, não se trata de um movimento que segue a linearidade histórica quando primeiro foi gerado o rádio e depois a Internet, mas da necessidade de estruturas de linguagem presentes em dado sistema de cultura se expandirem em outro sistema, dialogando com outras estruturas de linguagem em outros contínuos espaço-temporais-culturais que lhes confirmam condições para tanto. Afinal,

Los aspectos semióticos de la cultura (por

ejemplo, la historia del arte) se desarrollan, más bien, según leyes que recuerdan las leyes de la memoria, bajo las cuales lo que pasó no es aniquilado ni pasa a la inexistencia, sino que, sufriendo una selección y una compleja codificación, pasa a ser conservado, para, en determinadas condiciones, de nuevo manifestarse. (Lótman, 1998:153; grifo do autor)

Quase uma vinheta, tão curta a sua duração (no máximo, três minutos no ar a cada edição), *A Memória do Cidadão* conta com um roteiro padrão: uma vinheta de entrada identifica o programa; um locutor introduz o entrevistado, o contador de histórias, com um pequeno texto que algumas vezes procura situar a história pessoal que será relatada no contexto histórico de uma época; na seqüência, é conferida voz ao contador, que relata uma passagem rápida de sua vida e, ao final desta fala, ocorre o encerramento com outra vinheta:

“Vinheta de entrada: Museu da Pessoa, a Memória do Cidadão.

Locutor: Início dos anos 20. Para desespero da família, uma garotinha portuguesa corre, se esconde e faz mil travessuras num velho navio que cruza o Atlântico. Seu destino?

O Brasil. Recordações da comerciante Maria Augusta Lopes Alexandre, nascida em 1913.

Entrevistada: Eu assubia nos mastros até lá em cima, os marinheiros iam lá me buscar, uma hora eu tava dentro do navio, outra hora eu tava fora do navio, tava sempre andando, eu não tinha sossego porque não tinha prá onde ir, né?

E eu me perdi no navio, me perdi e a minha mãe andou perguntando se alguém tinha visto assim, assim, ninguém viu, né? Aí me pegaram levaram prá primeira classe, tinha uma família de ingleses velhos e eles queriam me levar prá Inglaterra, pensavam que eu tinha subido no navio e que estava lá assim perdida, né?

Aí passou um marinheiro, me pegou na mão e deu voltas no navio todo: Quem é que perdeu essa menina?! Quem é que perdeu essa menina?! Ninguém disse nada, não apareceu dono.

A minha mãe, então, foi quando ela deu voltas, né? Aí ela descobriu onde eu estava, estava lá com os ingleses. Aí os ingleses não queriam me entregar prá minha mãe, eles queriam me levar mesmo, né? Um casal de ingleses velhos. Aí (risos) a minha mãe foi ter que ir no, no comissário, buscar os papéis e os documentos todos prá eles me entregar porque eles não entregavam, não. Aí entregaram.

Vinheta de fechamento: Cultura AM, Museu da Pessoa.

É quase natural que as histórias do museu digital sejam transportadas para o universo do rádio, um cosmos de fala material, uma vez que as histórias transmitidas no rádio são trechos de depoimentos gravados durante as entrevistas captadas na cabine de captação ou no projeto *Museu Aberto*⁴. Na verdade, tais histórias são coletadas, disponibilizadas na Internet e enviadas ao programa de rádio ou, invertendo-se a seqüência de disponibilização, transmitidas no rádio e colocadas na página do museu.

Aliás, após a instituição do programa de rádio, não se nota uma hierarquia ou uma trajetória rígida para definir se as histórias serão apresentadas em primeiro lugar na *web* ou no rádio. Muitas histórias levadas ao ar ainda não foram

disponibilizadas no portal e, ao acessar o mecanismo de busca para encontrar outros relatos daquele contador, apresentado no último programa de rádio, o internauta pode se frustrar, pois tem como resposta apenas a mensagem *nada encontrado*. Seja como for, o fato é que a existência do programa de rádio se segue à implantação do museu virtual.

A geração de um programa de rádio a partir do acervo de histórias de vida do Museu da Pessoa espelha o movimento no tempo espiralado (Rocha, 2004:32-37) que vai e volta, progride e retorna, mas em seu retorno não é mais o mesmo sistema de cultura que se apresenta, pois o contexto é outro, houve alteração e, para sobreviver, as estruturas de linguagem procuram se adaptar ao novo meio ambiente no qual se vêem inseridas. De fato, se dos arquivos, dos labirintos de um museu virtual, nasce um programa de rádio, uma mídia que historicamente antecede à Internet, qual linearidade absoluta poderia ser sustentada em tal progressão, em tal deslocamento? Eis o processo de atualização em andamento e do qual nos fala a Escola de Tártu-Moscou ao situar os mecanismos de funcionamento da memória da cultura:

Siendo uma de las formas de la memoria colectiva, la cultura, que está ella misma sometida a las leyes del tiempo, a la vez dispone de mecanismos que hacen resistencia al tiempo y a su movimiento. (...) a medida que se avanza en el tiempo, en el pasado brotan periódicamente focos de actividad: textos separados por siglos, "al venir a la memoria" se vuelven contemporáneos. (Lótman, 1998:154)

Essa não linearidade do movimento dos sistemas culturais se expressa, no programa *A Memória do Cidadão*, como o diálogo que se estabelece entre a Internet e o rádio num primeiro momento, e entre a cultura digital, a cultura radiofônica e a tradição oral num segundo. Então, verifica-se a existência de sistemas culturais muito diferenciados envolvidos nesse processo, mas que compartilham de uma extensa área de fronteira, de acordo com o sentido que os semioticistas da cultura costumam conferir ao termo "fronteira":

The notion of boundary is an ambivalent one: it both separates and unites. It is always the boundary of something and so belongs to both frontier cultures, to both



contiguous semiospheres. The boundary is bilingual and polylingual. The boundary is a mechanism for translating texts of an alien semiotics into “our” language, it is the place where what is “external” is transformed into what is “internal”, it is a filtering membrane which so transforms foreign texts that they become part of the semiosphere’s internal semiotics while still retaining their own characteristics. (Lóttman, 1990:136-137)

Mecanismo de tradução, a fronteira é uma região que atua de modo a diferenciar os sistemas da cultura, mas sem demarcar seus limites com exatidão e rigidez, sem isolar um sistema do outro. Aliás, na área de fronteira, muitas vezes se torna difícil afirmar com precisão onde um sistema se inicia e outro sistema termina, daí ela ser concebida como uma região de diálogo e não uma linha divisória. É assim que os sistemas de cultura travam relações entre si.

No caso das relações entre a cultura digital, a cultura radiofônica e a tradição oral, a fronteira, enquanto borda ampla, líquida e flexível, engloba elementos como o gesto e o som, componentes que dizem respeito à construção da presença, seja a presença física, seja a telepresença tão sonhada pelas novas tecnologias. Mas de uma forma ou outra, uma presença capaz de ultrapassar as barreiras do tempo cronológico e do espaço geográfico, vistos como obstáculos à ampliação da rede, à conexão total, ininterrupta.

Na telepresença, o estudo do gesto é um meio para a realização de

(...) operações em ambientes inadequados à condição humana por toxidade, profundidade, altitude e temperatura, seja em lugares remotos, como no espaço com concertos dentro da nave – quando o operador técnico não estiver presente na área – ou de equipamentos externos à nave, tais como o telescópio solar, seja nas profundezas do mar, como nas tubulações petrolíferas (Araújo, 2003:42)

ou, ainda, para a rotina de cirurgias remotas, nas quais o paciente se encontra distante fisicamente do cirurgião ou exista grande risco de contaminação para a equipe médica ou terceiros, um risco que também pode se apresentar em acidentes ambientais, químicos ou radioativos. Nestes exemplos, a telepresença também costuma

ser chamada de telerrobótica (Araújo, 2005:24) ou alta telepresença e coloca por terra a definição da presença como um simples *estar lá*, o dividir fisicamente o mesmo recinto, espaço geográfico sob o mesmo tempo cronológico, hora, minuto e segundo que outra pessoa, objeto ou experiência. Ou seja, não é preciso que o corpo físico esteja presente em determinado local e momento para que haja, para que seja constatada a presença de dado participante no processo de comunicação que ali se desenvolve ou para que se tenha a sensação de proximidade. A participação de cada um pode ser verificada de outras formas, tais como o envio e o recebimento de mensagens num *chat*.

Outro contraponto ao conceito de presença como *estar lá* é realizado pela sua concepção como experiência interiorizada ou exteriorizada (Araújo, 2005:26), um pensamento que estimula a mente como interface entre a realidade física e a virtualidade e se desdobra, para Frank Biocca, como o elemento mais importante a ser trabalhado tanto na realidade virtual, quanto na telepresença. Ou seja, não é o esmero, o esforço tecnológico para o desenvolvimento de ambientes que reproduzam detalhadamente a presença física o fator determinante para o sucesso dos experimentos de realidade virtual e telepresença, o fundamental é convencer a mente humana de que se encontra de fato em determinado ambiente e que as suas experiências neste local são concretas, as sensações que o permeiam, as percepções que lhe são despertadas são eventos reais:

As Munsterberg, McLuhan, Bricken and others have envisioned, presence is about how the mind “perceives” reality, not the reality itself; not physics, but psychology; the extended mind, the place where experience, technology, and psychology meet. (Biocca, 2003)

Assim, o próprio corpo passa a ser considerado como elemento de mediação, uma fronteira entre a realidade material e o universo do imaginário, uma fronteira contaminada pela tecnologia desde a sua origem.

E neste contexto faz pouca diferença se o ambiente se trata de um universo concebido em laboratório, baseado ou não no imaginário, com ou sem contrapartida na realidade física; não faz diferença se o lugar existe de fato no mundo real

e pode ser localizado em algum mapa geográfico, este último, um lugar para o qual a figura humana é deslocada. Na verdade, não faz diferença se ocorre realidade virtual ou telepresença, uma vez que a primeira se refere à construção de ambientes nos quais se experimentam sensações, o sensorio é fortemente despertado como no simulador de vôo durante o treinamento de aviadores, enquanto na segunda se procura transportar, materializar a figura humana em determinado espaço físico, um espaço real, mas diverso daquele em que se encontra a pessoa naquele exato momento, o caso das videoconferências. Seja na realidade virtual, seja na telepresença, o essencial é persuadir a mente de que os acontecimentos que se desenvolvem em tal contínuo espaço-temporal são tão reais quanto se ocorressem no dia-a-dia concreto de escritórios e residências.

Mas o que tais considerações podem ter em comum com o sistema de cultura radiofônico? Ora, os estudos sobre a presença não são tão recentes quanto o interesse atual em fabricá-la com as ferramentas proporcionadas pelas novas tecnologias para que se possa fazer acreditar. A presença já tem sido explorada há tempos pela filosofia e pela psicologia, mesmo porque enfoca a ligação entre a mente e o corpo, um tema caro a tais campos do conhecimento. E quanto aos meios de comunicação, a presença pode ser constatada na televisão, no cinema e no rádio, pois, ainda que não se manifeste como um fenômeno de telerrobótica nestes meios, ela pode ser construída com os recursos de linguagem próprios de cada sistema de cultura, afinal, como já mencionado anteriormente, o fenômeno pode ser compreendido de forma mais ampla:

Presence is not just about the illusion of being there, but also about how the simulation of future, past, or imaginary space can sharpen the mind's performance when flying a plane; considering the architecture, space, and function of the Roman forum; exploring the sinewy bonds of a DNA molecule; identifying with the life experience of a character in a novel or a film; or accessing the "thoughts and emotions" of a virtual agent in a collaborative virtual environment. (Biocca, 2003)

Nas salas de *chat*, por exemplo, o fenômeno também se apresenta e assume características próprias, pois é possível verificar a presença dos

participantes da comunicação mesmo sem a ocorrência de operações remotas ou o uso de aparelhagem de áudio e vídeo. A presença pode ser constatada pela dinâmica própria das salas de bate-papo, nas quais se teclam perguntas e são obtidas respostas que surgem na tela do computador, um efeito de ação e reação, no qual mensagens digitadas transitam de um ambiente físico para outro mediadas pelo silício, por componentes secos.

Nesse caso, nem a acuidade visual, nem a acuidade sonora, gestual ou tátil inibem a percepção de que existe outra pessoa com a qual se conversa no ciberespaço, um universo digital, mas que ao mesmo tempo se localiza em algum lugar geográfico diverso. Trava-se uma conversa, um diálogo *on line* com outro alguém que se encontra neste exato momento em algum lugar muitas vezes distante fisicamente, mas que também se acha presente no universo da *web*. Algo semelhante aos sinais do telégrafo, mas que conta com o uso do código da palavra escrita, digitado no teclado do computador ao invés da utilização do código Morse.

É claro que existem diferenças consideráveis entre se deparar face a face com alguém na realidade física, bater papo na Internet, assistir a um filme ou ouvir um programa de rádio. No entanto, é possível dizer que a telepresença pode ser captada em todos estes sistemas de comunicação, ainda que seja necessária a ressalva de que, em geral, são atribuídos dois níveis ao fenômeno, níveis designados como baixa e alta telepresença. O nível baixo costuma ser aplicado justamente a sistemas de cultura como a televisão e o rádio, enquanto o nível alto é reservado para a telerrobótica e chega a ser tratado como telepresença propriamente dita, o transporte mediado da presença física humana de um ambiente material para outro ambiente tão material, físico e concreto quanto o primeiro do qual partiu a transmissão. Na verdade, a baixa telepresença ocorre até mesmo nas ligações telefônicas, nas quais a atualização entre dados enviados e recebidos é realizada pelo som, pela voz dos interlocutores que dialogam.

É verdade que nas salas de bate papo na *web*, há alguma defasagem entre informações enviadas e recebidas e, portanto, algum comprometimento da atualização simultânea, em tempo real de dados, o que pode levar, por exemplo, ao envio de uma pergunta, cuja resposta chega apenas alguns milésimos de segundos após

o clicar do mouse, o que demonstra que a mensagem recebida chegou antes da pergunta enviada e não se trata exatamente de resposta. É claro que tal defasagem não leva a grandes transtornos no *chat*, mas a velocidade própria da cultura digital parece afetada, a necessidade de diálogo em tempo real parece não se cumprir por completo.

Esse fenômeno presente nos *chats* se assemelha ao uso do videofone pela TV Globo, como na transmissão da Copa da Coréia do Sul e do Japão, em 2002, quando o apresentador, no estúdio do *Jornal Nacional*, realizava uma pergunta e o repórter, na Coréia do Sul, necessitava de alguns segundos para ouvi-la, ou melhor, recebê-la e, após mais alguns segundos que pareciam se arrastar, ter sua resposta ouvida pelo apresentador. O fenômeno prosseguia no retorno da resposta do repórter para o apresentador no estúdio e a resposta do apresentador para o repórter ou para o público. É verdade que tecnicamente se leva algum tempo para que um sinal emitido do Brasil possa alcançar a Coréia do Sul mas, na cultura digital, alguns poucos segundos de espera podem se revelar angustiantes, já que a cultura se acostumou com a instantaneidade, o tempo do piscar de olhos e alguns instantes para a conexão soam como a demora, a queda, a falha. Diante dessa característica das tribos digitais, proliferam os aceleradores.

Diferenças entre os diversos sistemas de comunicação existem, mas além da classificação metodológica que os possa diferenciar como meios de baixa ou alta telepresença, além da catalogação, é preciso observar o que o fenômeno da presença em cada sistema de cultura pode significar na relação entre a cultura digital, a cultura radiofônica e a tradição oral, uma vez que a existência de sistemas diferenciados com dinâmicas próprias não invalida a manifestação da presença em nenhum deles. A telepresença pode, é evidente, se apresentar sob formatos diversos, tanto que

(...) no *Media Interface and Network Design*, MIND Lab do Departamento de Telecomunicações da Universidade Estadual de Michigan, o termo telepresença quase não é usado. Frank Biocca, diretor e fundador do referido laboratório, sempre se refere aos termos “presença”²⁵, presença social, co-presença e self-presença, que são

diferentes perspectivas da pesquisa de base sobre presença. (Araújo, 2003:32)

Ou seja, alguns pesquisadores reconhecem tão tranqüilamente o fenômeno da presença sob diferentes formas, que chegam a estabelecer vocábulos para apresentar as suas especificidades, ou melhor, a criar uma tipologia da presença, a qual se pode acrescentar a presença física, disponível na performance encontrada tanto na tradição oral quanto em artes como o teatro.



Do ponto de vista da semiótica da cultura, talvez seja possível relacionar tal tipologia aos sistemas de cultura nos quais são encontradas. Yara Araújo discorre sobre essa tipologia (Araújo, 2005:46-48), na qual a presença social, por exemplo, diz respeito à presença que se encontra no *chat*, quando os participantes, apesar de estarem em ambientes físicos diferentes, compartilham socialmente uma experiência. A co-presença seria uma combinação das características da presença física e da presença social, um termo a ser utilizado apenas para ambientes com multiusuários, enquanto a autopresença se refere às experiências sensoriais e à autoconsciência em determinado ambiente.

Sendo assim, é totalmente possível se falar na existência da presença que se materializa pelas ondas do rádio, ainda mais no programa *Museu da Pessoa, a Memória do Cidadão*, no qual as histórias de vida do Museu da Pessoa se propagam num ambiente sonoro que abriga e acolhe a voz humana em suas mais diversas facetas, a brincadeira que transparece no riso, a tristeza que cala na pausa arrastada e se torna cheia de significado, a idade que se revela na rouquidão da garganta. Então, a voz se traduz como música pelo andamento, ritmo, tom e melodia de cada texto falado, dito, conversado em voz baixa ou alta, um texto que se desdobra num sistema de cultura que atualiza o banco de dados, os arquivos

da mídia digital e por ela é atualizado e, numa via de mão dupla, o diálogo entre o rádio e o museu digital se atualiza no tempo e no espaço.

Mas é interessante observar mais uma afirmação de Frank Biocca (2003): “A mente está no coração da presença.”, ou seja, se a mente acreditar que um outro alguém se encontra por perto, se a mente for preenchida por esta sensação de proximidade, de companhia, de compartilhamento, a presença poderá ser materializada, ainda que os recursos tecnológicos empregados não se equiparem à revolução informática, ainda que não se disponham de imagens veiculadas pelas *web* câmeras.

E agora, se me permite o leitor, é hora de citar o conhecimento popular nas palavras da minha avó, Rosa Faustino, dona de casa, nascida em 1927, Maceió, Alagoas: “O rádio é a minha companhia.” Ela respondia à minha pergunta, formulada anos atrás, sobre o porque de ligar o rádio todos os dias pela manhã, enquanto realizava os afazeres domésticos, aliás, o rádio era ligado às cinco horas da madrugada em ponto e desligado apenas na hora do almoço. O serviço da casa, a faxina, o lavar roupa, o preparar a comida, afazeres solitários e silenciosos eram divididos com as ondas do rádio, os programas preferidos, o *Zé Betio*, “porque dá a hora” repetidamente e o Gil Gomes para “saber o que se passa na vida.” Tempos depois, a fala de Bachelard (1991:179-181) corrobora o saber da práxis: “a ausência de um rosto que fala não é uma inferioridade; é uma superioridade; é precisamente o eixo da intimidade (...) O rádio possui tudo o que é preciso para falar na solidão. Não necessita de rosto.”

Mas talvez o rádio possua, sim, um rosto, não o rosto perceptível pelo sentido da visão, mas construído pela percepção audiocinestésica no reverberar do som, especialmente da voz humana na pele daqueles que o ouvem, pois

Tanto o ato fisiológico de ouvir, quanto o ato psicológico de escutar (Barthes, 1982) pressupõem – além das condições neuroanatomofisiológicas adequadas ao aparelho auditivo e às regiões do cérebro responsáveis pela percepção tonal da fala – a participação do maior órgão do corpo: a pele. (Nunes, 1999: 69)

Eis a visão dos deficientes visuais que percorrem com as mãos o rosto dos que lhes cercam e assim os enxergam, eis o ouvir e o

escutar dos deficientes auditivos que seguem as vibrações do corpo e do solo para dançar e falar, eis a visão e a audição dos seres humanos ao ouvirem o rádio quando as ondas do rádio tocam a sua pele.

E assim, a presença se materializa pelo som, expresso no *Museu da Pessoa, a Memória do Cidadão* pela voz de seus entrevistados, um som que constrói corpos: “O som está simultaneamente dentro e fora. A voz abandona nosso corpo, percorre a matéria aérea e invade o corpo do outro na mesma medida em que não precisamos ver para ouvir. O som manifesta corpos.” (Nunes, 1999:71). Cada voz que surge no Museu materializa um corpo, equivale a uma presença, única e intransferível daquele que a vocaliza, uma presença que muitas vezes traz a presença de outros que agora vivem apenas em suas memórias pessoais:

“Vinheta de entrada: Museu da Pessoa, a Memória do Cidadão.

Locutor: A paulistana Zuleica Picarelli nasceu em 1926. Numa de suas muitas histórias tem sua mãe como personagem, num tempo ainda machista, ela apelou para um expediente extremo para poder fazer a faculdade de farmácia. Zuleica conta a história.

Entrevistada: Minha mãe fez uma coisa interessante, ela fez greve de fome pra poder convencer a família a estu... a fazer um curso superior. Ela é formada em farmácia e trabalhou como farmacêutica no Instituto de Higiene, também na época era uma coisa muito difícil de ver uma mulher trabalhando. Trabalhou até casar, aí quando casou, o meu pai foi reacionário: Não, pra que é que mulher trabalhar? Não precisa, não sei o que e tal. Ela desistiu. Mas mais tarde quando nós já estávamos criados, formados e coisa, ela voltou a trabalhar no laboratório de farmacêutica.

Vinheta de fechamento: *Cultura AM, Museu da Pessoa.*”

E o rádio se torna em si mesmo e por extensão a companhia diária dos afazeres domésticos, do trajeto entre a casa e o trabalho, das horas de estrada durante a viagem. O rádio

constitui a companhia de todos os dias, acessá-lo se transforma em ato ritual, no passado, um rito compartilhado pela família como afirma o depoimento colhido no museu digital:

Enquanto estávamos no quarto de costura, ouvíamos rádio, seguindo novelas. Lembro-me que às 3 horas da tarde ouvíamos uma série que se chamava *Presídio de mulheres*. Era sempre uma história bem triste, às vezes até chorávamos. Ainda bem que sempre tinham um final feliz. O rádio era à bateria, à noite carregava para ouvirmos de dia. Às duas horas, tomávamos o café da tarde e continuávamos no quarto de costura, até mais ou menos às cinco horas, quando era servido o jantar. (Heloísa Arantes Junqueira Silva, dona de casa, nascida em 1936, Fazenda Traituba, Cruzília, Minas Gerais).

Um ritual que se prolonga, se estende durante a noite:

À noite, ficávamos jogando baralho, ouvindo rádio e conversando. Às 20h. em ponto começava *A voz do Brasil*. Na hora do jornal, todo mundo tinha que ficar quieto, pois a transmissão normalmente era ruim; mas era importante ouvir as notícias do Brasil e do mundo; nessa época, sem televisão, o rádio tinha muita credibilidade. Na época da guerra, era bem pequena, mas lembro-me de vovô, na Traituba, ouvindo, ou mais ou menos adivinhando, as notícias transmitidas diretamente da BBC de Londres. Quando terminava ‘*A voz do Brasil*’, começava a novela mais importante do rádio. Lembro-me perfeitamente como ficávamos embevecidas ouvindo ‘*O direito de nascer*’, a novela mexicana, que mais tarde foi adaptada para a TV. Normalmente, dormíamos às 10 horas. Mas quando era época de eleição de Miss Brasil, ficávamos até de madrugada ouvindo a transmissão dos desfiles e torcendo para a nossa favorita. (Heloísa Arantes Junqueira Silva, dona de casa, nascida em 1936, Fazenda Traituba, Cruzília, Minas Gerais)

Ao lado da presença humana da jovem Heloísa e seus familiares, ouvindo as notícias da guerra e torcendo durante o concurso Miss Brasil, uma outra presença que se insere nas linhas do

depoimento enviado pela Internet ao Museu da Pessoa em 1999: o rádio na cena familiar. E a voz encontra no rádio a tecnologia para transportar em ondas o choro e o grito:

Naquele tempo da minha infância não tinha rádio. O rádio começou a aparecer lá mais ou menos em 1948, 1949. Na Copa do Brasil, em 1950 – eu estava com 30 anos – fui na casa de um cunhado, que já morreu, para escutar o rádio. Ele era marceneiro e ele tinha um radiozinho lá. Foi a primeira vez que eu assistia a uma irradiação. Inclusive o rádio dava umas interrupções, ficava zoando e não deu para escutar direito. E na hora que o Uruguaí marcou o segundo gol eu ouvi choro e grito no rádio... E fiquei chateado também, porque estava torcendo para o Brasil. Foi triste. E o Brasil estava ganhando de um a zero no início. Depois eles empataram e marcaram o gol da vitória quase no fim do jogo. (Antônio Alves da Rocha Guimbra, nascido em 1920, Espinho, Portugal)

No depoimento de Antônio Guimbra ao site Museu da Pessoa, é possível perguntar como ele pôde ouvir “choro e grito no rádio” num aparelho que não dava “para escutar direito”. Talvez a lacuna tecnológica tenha sido preenchida pela imaginação, pela fabulação que se atualiza com novos instrumentos, novas tecnologias no ambiente digital e migra da tradição oral para a Internet, voltando a migrar para a cultura radiofônica.

E o digital, pleno de velocidade e fragmentação, passa a atualizar as histórias, depoimentos e relatos de vida, passa a atualizar a fabulação neles presente, a fabulação através da qual os “homens ‘lentos’ (...) escapam ao totalitarismo da racionalidade” (Santos, 1996). Mas, se para Milton Santos (1996), os “homens lentos” são os pobres da cidade, talvez eles possam ser, na verdade, todos aqueles que diante da vertigem do digital buscam na fabulação a sua identidade e recorrem à memória, à atualização da presença, seja de si mesmos enquanto performers, seja de outros que lhes surgem à lembrança para navegar numa nova era.

Seja como for, a fabulação migra da oralidade, das histórias contadas e repetidas de pessoa a pessoa, da presença física, na comunidade, na tribo, na família para a Internet,

para a presença social. Mas fabulação e presença migram novamente para o rádio porque a forma sonora do relato se conserva, ainda que muitas vezes latente, no hipertexto, assim como a presença física se refaz pelas características únicas da voz de cada contador.

É assim que a presença de quem fabula não é apagada. É assim que

Los estados pasados de la cultura lanzan constantemente al futuro de ésta sus pedazos: textos, fragmentos, nombres y monumentos aislados. Cada uno de estos elementos tiene su volumen de “memoria”; cada uno de los contextos en que se inserta, actualiza cierto grado de su profundidad. (Lótman, 1998:162)

e a tradição oral dialoga com a Internet e essa com a cultura radiofônica, tanto pela atualização da presença, quanto pela fabulação que passam a ser mediadas por novas tecnologias, mas não se extinguem.

NOTAS

* Trabalho apresentado ao NP – Semiótica da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

** Jornalista, mestre e doutoranda pelo PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP
deborarochal11@yahoo.com.br

² O Museu da Pessoa pode ser acessado em <http://www.museudapessoa.com.br> ou <http://www.museudapessoa.net>.

³ Trabalho apresentado ao NP 15 – Semiótica da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, em 2005.

⁴ Programa transmitido na Rádio Cultura AM 1200 kHz de domingo a sexta-feira, em duas edições, às 8h55 e 20h55. Aos sábados, o programa é exibido às 9h30 em uma única edição.

⁵ Projeto no qual as instalações físicas da sede do Museu da Pessoa, na Vila Madalena, em São Paulo, são colocadas à disposição para a gravação de depoimentos. Para participar, o interessado deve se inscrever pelo e-mail museuaberto@museudapessoa.net.

⁶ Abreviatura de *telepresença* no sentido de telerrobótica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Yara Rondon Guasque. *Telepresença: interação e interfaces*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Comunicação e

Semiótica. São Paulo, 2003.

ARAÚJO, Yara Rondon Guasque. **Telepresença: interação e interfaces**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2005.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BIOCCA, Frank. **Media and laws of the mind**. In RIVA, G., DAVIDE, F., IJSSELSTEIJN, W. A., *Being there, concepts, effects and measurements of user presence in synthetic environments*. Amsterdam: IOS Press, 2003. <http://www.emergingcommunication.com/volume5.html>.

BIOCCA, Frank. **Realidade virtual: o extremo limite da multimídia**. In RECTOR, Mônica e NEIVA, Eduardo (Org.). *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LÓTMAN, Iúri. La memoria de la cultura. In **La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Madrid: Frónesis, 1998.

LÓTMAN, Iúri. **La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Madrid: Frónesis, 1998.

LÓTMAN, Iúri. **Universe of mind.: a semiotic theory of culture**. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. Cotia: Ateliê, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

Museu da Pessoa. On line: <http://www.museudapessoa.com.br> ou <http://www.museudapessoa.net>.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **A memória na mídia: a evolução dos memes de afeto**. São Paulo: Anna Blume, 2001.

ONG, Walter J. **Interfaces of the word**. Londres: Cornell University Press, 1977.

ONG, Walter J. **The presence of the word**. Minneapolis: Minnesota Press, 1967.

RECTOR, Mônica e NEIVA, Eduardo (Org.). **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROCHA, Debora Cristine. **O Museu da Pessoa, a tradição oral como acervo digital**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **O lugar e o cotidiano**. In *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996. <http://br.geocities.com/madsopardo/ms/artigos/msa04.htm>

SCHNAIDERMAN, Bóris (Org.). **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.